

●
intrínseca

Laetitia
Colombani

As Vitoriosas

DA MESMA
AUTORA DE

A
Trança

LAETITIA COLOMBANI

AS VITORIOSAS

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2019

TÍTULO ORIGINAL
Les victorieuses

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Letícia Féres

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Illustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN E IMAGENS DE CAPA E MIOLO
Hauptmann & Kompanie Werbeagentur, Zúrique

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C68v

Colombani, Laetitia, 1976-
As vitoriosas / Laetitia Colombani ; tradução Carolina
Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
224 p. ; 21 cm.

Tradução de: Les victorieuses
ISBN 978-65-5560-465-8

1. Ficção francesa. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

22-77208

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Capítulo 1

Paris, hoje

Tudo aconteceu de repente. Solène saía da sala do tribunal com Arthur Saint-Clair. Preparava-se para dizer que não havia entendido a decisão do juiz contra ele nem a severidade que tinha acabado de testemunhar. Mas não teve tempo.

Saint-Clair se lançou na direção da mureta de vidro e pulou por cima dela.

Saltou do passadiço do sexto andar do tribunal.

Por alguns instantes, que pareceram durar uma eternidade, o corpo dele ficou suspenso no vazio. E então desabou, vinte e cinco metros abaixo.

Solène não se lembra do que aconteceu depois. As imagens lhe surgem desordenadas, como em câmera lenta. Ela deve ter gritado, com certeza, antes de desmaiar.

Acordou em um quarto de paredes brancas.

O médico enunciou a seguinte palavra: *burnout*. No início, Solène se perguntou se ele falava dela ou de seu

cliente. Levou certo tempo para entender. Então o fio da meada se reconstituiu.

Ela conhecia perfeitamente o caso de Saint-Clair, um homem de negócios investigado por fraude fiscal. Da vida de seu cliente, Solène sabia tudo: os casamentos, os divórcios, as namoradas, a pensão alimentar que ele mandava para as ex-mulheres e os filhos, os presentes que trazia de suas viagens ao exterior. Tinha visitado sua *villa* em Sainte-Maxime, os escritórios gigantescos de sua empresa, o maravilhoso apartamento no sétimo distrito de Paris. Tinha ouvido suas confissões e seus segredos. Solène havia passado meses se preparando para a audiência, não deixara nada ao acaso e sacrificara noites, férias e feriados. Era uma advogada excelente, trabalhadora, perfeccionista e minuciosa. Suas qualidades eram apreciadas por todos no escritório de renome para o qual trabalhava. O risco judicial existe, todos sabem disso. No entanto, Solène não esperava a sentença proferida. O juiz determinara como sentença a prisão do cliente, além de milhões de euros em multas e juros. Uma vida inteira pagando por seu crime. A desonra, a condenação da sociedade.

Saint-Clair não havia suportado.

Ele preferira se atirar no vazio, no gigantesco poço de luz do novo Palácio de Justiça de Paris.

Os arquitetos pensaram em tudo, menos naquilo. Conceberam um imóvel elegante, de design perfeito, um “palácio de vidro e luz”. Escolheram fachadas altamente

resistentes para prevenir ameaças de atentado, instalaram equipamentos de raios X, controles nas entradas e câmeras de segurança. O local é cheio de pontos de detecção de invasões, portas de acesso eletrônico, interfones e telas de última geração. No entanto, os projetistas simplesmente esqueceram que a justiça é feita por homens e sobre outros homens por vezes desesperados. As salas de audiência foram divididas em seis andares, voltados para um pátio interno de cinco mil metros quadrados. Com um pé-direito de vinte e oito metros, o espaço chega a dar vertigem. Pode dar ideias àqueles que a justiça acaba de condenar.

Na prisão, existem muitas iniciativas para prevenir o risco de suicídios. Mas não ali. Grades simples margeiam os corredores. Bastou a Saint-Clair um passo para ultrapassar a proteção e saltar.

Solène não consegue parar de pensar nisso. A imagem a assombra, ela não consegue esquecê-la. Vê o corpo de seu cliente, desmembrado, sobre as placas de mármore do tribunal. Pensa na família dele, nos filhos, nos amigos, nos funcionários. Foi a última a falar com ele, a se sentar a seu lado. Um sentimento de culpa a domina. Onde ela errou? O que devia ter dito ou feito? Será que poderia ter antecipado o que aconteceu, imaginado o pior? Ela conhecia a personalidade Arthur Saint-Clair, mas seu ato permanece um mistério. Solène não viu nele o desespero, a ruptura, a bomba a ponto de explodir.

O choque provocou uma deflagração em sua vida. Solène também desabou. Passa dias inteiros no quarto de paredes brancas, as cortinas fechadas, sem conseguir se le-

vantar. A luz lhe é insuportável. Qualquer movimento lhe parece sobre-humano. Ela recebe flores do escritório, mensagens de apoio dos colegas que nem consegue ler. Está em pane, como um carro sem gasolina parado na calçada. Em pane, aos quarenta anos.

Burnout. Em inglês, o termo parece mais leve, mais na moda. Soa melhor do que *depressão*. A princípio, Solène não acredita. Não é ela, não, não tem nada a ver com ela. Solène não se parece em nada com aqueles personagens frágeis cujos testemunhos preenchem as páginas das revistas. Sempre foi forte, ativa, em movimento. Tinha bases sólidas — ou, ao menos, era o que pensava.

O estresse profissional é um mal frequente, diz o psiquiatra com uma voz calma e clara. Ele pronuncia termos específicos que Solène ouve sem de fato entender: serotonina, dopamina, noradrenalina e nomes de todo tipo, ansiolíticos, benzodiazepínicos, antidepressivos. Prescreve medicações que devem ser tomadas à noite para dormir e de manhã para acordar. Comprimidos para ajudá-la a sobreviver.

No entanto, tudo havia começado bem. Criada em um bairro rico nos arredores de Paris, Solène foi uma criança inteligente, sensível e dedicada, para a qual todos tinham grandes planos. Cresceu, juntamente com a irmã, num lar cujos pais eram professores de direito. Teve uma trajetória escolar sem intercorrências, foi contratada aos vinte e dois anos por um escritório famoso. Até ali, nada a declarar. Claro, há o acúmulo de trabalho, os fins de semana, as noites, as férias dedicadas aos casos, a falta de sono, as inúmeras audiências, os encontros, as reuniões, a vida como um trem-bala que ninguém pode parar. Claro, há Jérémy, que

ela ama mais do que todos. Que ela não consegue esquecer. Ele não queria filhos, não queria compromisso. Tinha explicado isso a ela, e sua escolha lhe convinha. Solène não era daquelas mulheres que sonhavam com a maternidade. Não se projetava na imagem das jovens mães que encontramos nas calçadas, manobrando carrinhos de bebê com braços exaustos. Ela deixava esse prazer para a irmã, que parecia encantada com o papel de dona de casa. Solène gostava demais de sua liberdade — ou ao menos era isso que fingia sentir. Jérémy e ela moravam cada um em sua casa. Eram um casal moderno: apaixonados, mas independentes. Quando a deixou, Jérémy apenas devolveu a chave dele.

Solène não vira a queda chegar. A aterrissagem fora violenta.

Tal e qual a de Saint-Clair no chão de mármore do tribunal.

Depois de algumas semanas de tratamento, ela consegue sair do quarto de paredes brancas para dar uma volta no jardim. Sentado no banco a seu lado, o psiquiatra a parabeniza pelo progresso como alguém elogiaria uma criança. Logo ela poderá voltar para casa, explica, contanto que continue se tratando. Solène recebe a novidade sem alegria. Não quer se ver sozinha em casa, sem objetivo, sem projeto.

Ela mora em um apartamento elegante de três quartos, em um bairro bonito, mas o lugar parece frio, grande demais para ela. No armário, ainda está o pulôver de caxemira que Jérémy esqueceu e ela usa escondido. Ainda estão os pacotes de salgadinhos americanos de sabor artificial que ele adorava e ela ainda compra no supermercado, sem saber por

quê. Solène não come salgadinhos. O barulho do saco plástico enquanto assistiam a algum filme sempre a irritava. Mas naquele dia ela daria qualquer coisa para ouvi-lo. O barulho dos salgadinhos de Jérémy, sentado ao seu lado no sofá.

Ela não vai voltar ao escritório. Não é má vontade. A mera ideia de passar pelas portas do Palácio de Justiça a deixa enjoada. Por muito tempo, Solène vai, inclusive, evitar o bairro onde ele fica. Vai pedir demissão, entrar em um período sabático, segundo a expressão consagrada — o termo mais gentil, que subentende a possibilidade de um retorno. Mas a possibilidade de um retorno talvez não exista.

Ela confessa ao psiquiatra que não está segura quanto a deixar a casa de saúde. Não sabe o que é viver sem trabalhar, sem horários, sem reuniões, sem obrigações. Sem amarras, teme ficar à deriva. *Faça algo pelos outros*, sugere ele. *Por que não fazer voluntariado?* Solène não esperava aquilo. A crise pela qual está passando é uma *crise de sentido*, continua ele. *É preciso se afastar de si, se voltar para os outros, encontrar um motivo para acordar de manhã. Ser útil para alguma coisa ou alguém.*

Comprimidos e voluntariado. É só isso que ele tem a oferecer? Se ainda tivesse iniciativa, se ainda tivesse um fio de senso de humor, Solène responderia que ele não precisava ter passado onze anos estudando para dizer aquilo. Ela não tem nada contra trabalho voluntário, mas não sente que tem a alma de uma Madre Teresa. Não sabe a quem poderia ajudar, uma vez que mal consegue sair da cama.

O psiquiatra parece insistir muito nisso. *Tente*, diz ele mais uma vez, assinando o formulário de alta.

Em casa, Solène passa dias dormindo no sofá, folheando revistas — que se arrepende de comprar um segundo depois de pagar. Os telefonemas e as visitas da família e dos amigos não conseguem tirá-la de seu estado melancólico. Não tem vontade de fazer nada, nenhum ânimo para conversar. Tudo a deixa entediada. Ela perambula pela casa, do quarto para a sala. De tempos em tempos, desce até a mercearia da esquina e para na farmácia para comprar mais remédios, antes de voltar para casa e se deitar.

Em uma tarde de folga — como todas passaram a ser —, Solène senta-se diante do computador, um MacBook de última geração, presente dos colegas por seu aniversário de quarenta anos, pouco antes do *burnout* — que não serviu para muita coisa. Voluntariado, dissera o psiquiatra... No fim das contas, por que não? A pesquisa a leva até o site da prefeitura de Paris, onde ela analisa os anúncios postados pelas associações. O nome do domínio a surpreende: *euparticipo.fr*. “Participação ao alcance de um clique!”, promete a página. Uma quantidade enorme de perguntas surge na tela: Onde você quer ajudar? Quando? Como? Solène não faz ideia. Um menu se abre mostrando títulos de missões: ateliê de alfabetização para adultos, visita ao domicílio de pessoas com Alzheimer, entregador de doações de alimentos, vigia noturno em abrigos, acompanhamento de famílias endividadadas, auxílio escolar em bairros desfavorecidos, moderador de debates sobre questões civis, resgate de animais em situação de risco, ajuda aos exilados, apadrinhamento

de desempregados, distribuição de refeições, palestrante em casas de repouso, animador de hospitais, visitas em prisões, responsável por guarda-roupas solidários, tutor de estudantes com deficiência, atendente telefônico do sos Amizade, formador de primeiros-socorros... Até um cargo de *anjo da guarda* é proposto. Solène sorri — não sabe onde seu anjo foi parar. Deve ter voado para longe demais e se perdido no caminho. Ela para de pesquisar, desanimada com a profusão de anúncios. Todas aquelas causas são nobres e merecem ser defendidas. A simples ideia de ter de fazer uma escolha a paralisa.

Tempo, é isso que as associações pedem. Sem dúvida o que há de mais difícil a se doar em uma sociedade em que cada segundo conta. Oferecer seu tempo é se engajar de verdade. Solène tem tempo, mas a energia lhe falta de maneira absurda. Ela não se sente pronta para dar aquele passo. É um compromisso exigente demais, pede investimento demais. Ela ainda prefere doar dinheiro — demanda menos vínculo.

No fundo, se sente covarde por estar desistindo. Vai fechar o MacBook e voltar para o sofá. Dormir, por uma hora, um mês, um ano. Vai se encher de comprimidos para não pensar mais.

E então ela vê. Um pequeno anúncio, na parte inferior da página. Algumas palavras que ela não havia notado.



O cliente de Solène, uma bem-sucedida advogada parisiense, não dera indício algum de que, ao ouvir sua sentença, atentaria contra a própria vida. Ela tampouco poderia imaginar que testemunhar a cena causaria o colapso de algo dentro de si. Paralisada, Solène sabe que a base que mantinha sua vida de pé ruiu. O médico atesta *burnout* e recomenda: “trabalho voluntário”. Mas, ao mesmo tempo que retomar a rotina confortável vivida até então não faz mais sentido, ela não tem ideia de como criar para si uma nova realidade.

Quando um anúncio inusitado no jornal a leva até o abrigo conhecido como Palais de La Femme, Solène encontra um grupo diversificado de mulheres, vindas de universos muito distantes do seu, e, aos poucos, começa a redescobrir um senso de propósito ao dedicar algumas horas semanais à função de escriba: no saguão do Palais, coloca-se à disposição das residentes para redigir cartas. Ela perceberá, no entanto, que, tanto quanto a de escrita, sua habilidade de escuta será crucial ali.



Assim como em seu livro de estreia, *A trança*, Laetitia Colombani entrelaça vidas de diferentes mulheres, jogando luz sobre graves problemas sociais. Em capítulos alternados, acompanhamos as trajetórias da fictícia Solène e da pioneira — e verídica — Blanche Peyron, figura-chave do ativismo francês do início do século XX. Ambas inspiradoras, cada uma à sua maneira, elas aprendem e ensinam a importância da esperança, da solidariedade entre mulheres e da empatia.



SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1198/>